

Moçambique: do passado ao presente

2 — Unidade Nacional é a base da nação

Dando continuidade à publicação, iniciada ontem, de alguns extractos do discurso proferido pelo Presidente Joaquim Chissano no seu recente encontro com crianças da organização "Continuadores", no bairro das FPLM, inserimos hoje a parte que substancia a unidade nacional como a base da Nação moçambicana:

«Mondlane ensinou-nos a unidade. Mondlane disse: tribos, sim, podem existir em Moçambique e cada uma tem os seus valores. Temos que respeitar os valores de cada tribo. Mas Moçambique é para todos e devemos procurar misturar-nos o máximo possível porque sofremos debaixo do mesmo colonialismo, temos os mesmos interesses de liberdade e de desenvolvimento. Portanto, temos que nos unir, não podemos continuar a lutar entre tribos.

Nos EUA, havia muitas raças, muitas tribos, muitas línguas mas formaram um país. Mesmo Portugal, se nós vamos para o norte de Portugal ouvimos que as pessoas falam de uma maneira diferente daquela do centro e do ocidente de Portugal, ou do sul, porque antigamente não foram sempre a mesma coisa. Houve lá vândalos, suecos, alanos, visigodos, lusitanos, romanos e até gauleses estiveram lá. Árabes, estiveram lá. Mas hoje são um só povo, o povo português. A palavra Portugal se calhar veio da junção de várias línguas. A palavra Algarve vem do árabe.

Portanto, aqui nós também podíamos ser uma nação forte, podíamos estar unidos e devíamos estar unidos se realmente queríamos conquistar a liberdade. Eu posso dizer hoje que essa palavra ainda é uma palavra forte, é a nossa palavra-chave: unidade.

A NAÇÃO É UMA SÓ

No nosso país há muitas raças, e há muitas etnias. Falam-se muitas línguas. Mas graças a essa luta que nós travamos pela unidade, conseguimos ser conhecidos hoje em qualquer parte do mundo. Se aparece um moçambicano e começa a falar distingue-se por ter uma maneira de ser que nós criámos. Com isso queremos dizer que Mondlane também lutou para a criação daquilo que se chama Nação moçambicana. Já temos uma Nação moçambicana.

Não há uma nação Nhungué, uma nação Sena, uma nação Nda, uma nação Changana, uma nação Maconde ou Macua. Podemos encontrar algumas coisas que identificam os macuas. Mas os macuas identificam-se com as outras tribos porque já houve um longo caminho de intercomunicação, de interligação, primeiro pelo próprio colonialismo que nos obrigou a estarmos juntos. Não formamos estados separados. Por exemplo, dizer que a província de Nampula é da tribo Macua, não é verdade. Há muitos macuas em Nampula, pode ser que haja uma maioria de macuas. Mas hoje já não são só macuas os de Nampula.

Eu, nasci em Gaza, mas a minha mulher não nasceu em Gaza. Eu falo Changana mas a minha mulher não fala e tenho filhos que não nasceram onde a minha mulher nasceu, nem onde eu nasci. A minha mulher nasceu em Cabo Delgado, em Mueda. Os meus filhos, uns nasceram em Dar-es-Salaam, outros nasceram em Maputo. São moçambicanos. Nós todos somos moçambicanos. Onde é que está a tribo aí? Qual é a tribo dos meus filhos? Quais são os pontos de união mais fortes? Serão os da minha mulher com Mueda, porque nasceu lá ou será da minha mulher comigo porque eu sou de cá, ela é obrigada a viver cá? Houve já um movimento, até porque o casamento de muitas pessoas, o comércio, o trabalho já deram muita movimentação.

Alguns até já nem sabem quais são os rituais da sua tribo. Muitos até já não têm apelidos africanos. Chamam-se da Costa, Pereira, Cosme. Agora o que é tribo?

Eu estava a conversar com um amigo estrangeiro que dizia que com essa proliferação de partidos era preciso ter muito cuidado. Eu concordei com ele. Mas a minha preocupação era diferente da preocupação dele. A preocupação dele era de que um dia podia haver um chefe dos macuas a formar um partido, e eu disse que ele estava enganado porque não há chefe dos macuas aqui, nem o chefe dos machanganas. Hoje não há chefes de tribos. Por exemplo, os macuas encontram-se em toda a parte. Como é que se pode pensar num chefe dos macuas a tocar o apito para todos irem lá reunir-se? É falsidade aparecerem pessoas aqui a falarem em nome de uma tribo. Começam a fazer agitação em nome de uma tribo. Nós, os ndaus. Quais são os ndaus que te mandaram falar em nome deles? Ou nós os machanganas somos desprezados. Quem te manda falar em nome dos machanganas? Já acabou essa coisa de chefes de tribo. Os que fazem isso têm motivos políticos que quando vêm que aqui há uma maioria de pessoas que falam uma determinada língua, falam em nome desse grupo para ganharem apoio para fins políticos. São, portanto, tribalistas.

TRIBOS SIM, TRIBALISMO NÃO

O Presidente Mondlane ensinou-nos a respeitar as tribos. O passado que foram as tribos, a sua história, os seus valores culturais, mas a combatermos contra o tribalismo. Tribalismo é a utilização dessa existência de tribos para outros fins, neste caso políticos. Ensinou-nos a combater o tribalismo, o racismo. Há brancos que não têm outra terra senão esta. Também podem cantar, "os nossos antepassados nasceram aqui", porque de facto os seus antepassados nasceram aqui. Também, não conhecem outra terra. Mas há brancos que não nasceram aqui, assim como há pretos também que não nasceram aqui, mas que vieram a adoptaram esta terra como sua e querem trabalhar com os outros para a construção, para o bem de todos. Então esses devemos receber no nosso seio e olhar para eles como iguais a nós.

Portanto, devemos combater o racismo, porque o que é mau não é a existência de raças. O preto também pode dominar o outro preto, escravizá-lo. Nós estamos contra isso, assim como o branco pode dominar o outro branco, o preto pode escravizar o branco, o branco pode escravizar o preto. Nós não queremos isso, queremos igualdade, respeito entre os homens; queremos trabalhar para o desenvolvimento, sem complexos de superioridade ou de inferioridade.

Às vezes as pessoas que têm complexos de inferioridade reagem de uma maneira muito criminosa, começam a meter na sua cabeça que eles não valem nada e pensam que os outros olham para eles de cima para baixo, e então revoltam-se de uma maneira criminosa, porque têm complexos de inferioridade. Temos que acabar com os complexos de inferioridade.

É por isso que Mondlane ganhou a admiração de todos. Os actos que eu contei aqui são actos históricos do Presidente Eduardo Mondlane. É por isso que o colonialismo viu que este homem era perigoso para o colonialismo e, assim Mondlane foi alvo de perseguição e tudo fizeram para destruí-lo.

Em 25 de Setembro de 1964 começou a luta armada de libertação nacional. As FPLM começaram a actuar. A partir desse momento começou também a grande perseguição a Mondlane. Muitos tinham condenado Mondlane desde 1960 até 1964 como um agente dos americanos porque ele estudou na América. Diziam que este aqui é agente dos americanos. Até havia os que diziam que Mondlane era agente da CIA.

Como sabem, Mondlane estava casado com uma mulher branca, americana, que ainda está connosco aqui, que ainda há bem pouco tempo era Secretária-Geral da Cruz Vermelha de Moçambique. É moçambicana, é deputada da Assembleia da República e que deixou a nacionalidade americana para ser moçambicana.

SERVIR OS INTERESSES DE TODOS

Quando Mondlane começa a mostrar o fruto do seu trabalho, com o desencadeamento da luta de libertação nacional, com os sucessos da formação do Homem moçambicano, com a unidade do povo moçambicano contra o colonialismo, então começaram a dizer que ele era comunista, que era agente dos russos. Conforme a conveniência deles classificavam o mesmo homem de maneiras diferentes. Portanto, tornou-se um alvo a abater e como o colonialismo sabe dividir para poder reinar, em 1966 sobretudo, começámos a ver muita agitação no seio do movimento de libertação, porque havia agentes infiltrados.

Estes agentes eram enviados de Moçambique, eram enviados da Beira pelos colonialistas, enviados daquela que se chamava Lourenço Marques, hoje Maputo, enviados de vários pontos do país para se infiltrarem e fazerem agitação, para dividir. Uns chegavam lá e falavam como quem quer o avanço da luta. Diziam que Mondlane não estava a lutar depressa. Outros diziam que os dirigentes da FRELIMO são do sul.

Tive uma discussão bastante interessante sobre essa coisa de os dirigentes da FRELIMO serem do sul. Estendi o mapa, perguntei onde é que era o sul, disseram que sul é lá no sul do Save. Mostrei no mapa onde é que estava o sul do Save e lá estavam as províncias de Inhambane, Gaza e Lourenço Marques, que hoje é Maputo. Eu disse isto, aqui é o sul. Apontei algumas pessoas que eram da província de Sofala, de Manica, naquele tempo chamavam de Manica e Sofala. Então eles concordaram que aqueles eram também do sul.

Assim, mostrámos que o sul começava pelo rio Zambeze. Por acaso ainda estava vivo o falecido Mutaca, o militante que morreu há bem pouco tempo na Etiópia. Então perguntei se o Mutaca que era dirigente não era da Zambézia, depois apontámos outros como Mariano Matsinha que é de Tete e havia outros que eram de Tete e da Zambézia e disseram que estava a falar dos do norte. Apontaram como províncias do norte Cabo Delgado, Niassa e Nampula. E ainda

havia dirigentes do Niassa, havia de Cabo Delgado. E disseram que queriam dizer que eram poucos. Isso existe ainda hoje.

Quando dizemos, o Secretário-Geral da Frelimo não é do sul, dizem é só esse. Dizemos olha o Ministro da Educação é de Manica, o Ministro da Administração Estatal é de Sofala, o Procurador da República é do Niassa dizem: "do Niassa é só esse". O Ministro dos Recursos Minerais é do Niassa, ainda por cima é um daqueles que foram formados no Instituto Moçambicano. Um daqueles que foram preparados para servir. O Ministro da Defesa é de Cabo Delgado.

Fala-se que o Governo e o Partido são compostos apenas por pessoas do sul. Isso existiu também no tempo da luta armada e as pessoas dizem isso porque realmente nunca interessou à Frelimo, nunca interessou a este Governo, estarmos a pensar nas pessoas, como do norte, como do sul. Nós perguntamos qual é o mal, mesmo que fossem só do sul, o importante é descobrir as pessoas que servem os interesses de todo o povo moçambicano.

O que é do sul não está para representar os interesses do sul; o que é do norte não é para representar os interesses do norte. Eu prefiro ter todos do norte mas que representem o interesse do sul, do norte e do centro, do que ter todos do sul que só servem os interesses do sul. Isso não me interessa. Devemos ser todos a servir os interesses de todos. Isso é que é o mais importante. Se uma pessoa é mais clara, se menos clara, se é de descendência indiana ou de descendência portuguesa não está lá para representar nem indianos nem brancos. É para servir os interesses de todos. Se não o faz não é por ser branco, ou por ser indiano ou por ser machangana. Não é por ser rongu ou bitonga. Se não o faz é porque ele, como homem, não conhece a sua nação.

AGITADORES AJUDARAM A MATAR MONDLANE

Estes problemas todos tivemos que enfrentá-los durante a luta de libertação nacional e o colonialismo utilizou essa arma de divisão. Já nos anos 1966-67 alguns grupos começaram a dizer que falavam em nome de uma região, a agitar. Então houve a organização daquilo que se chamou Comitês das Estradas, organizado por estes grupos. Por que não dizer os nomes de alguns? Os Gwendjeres, os Simangos, os Basílios e Bandas. Começaram a fazer agitação com os Kavandames.

Essa agitação contra a luta de libertação nacional era para enfraquecer a unidade que existia e eles falavam, repetiam aquilo que os colonialistas queriam que eles repetissem.

Os Comitês das Estradas eram grupos de jovens organizados por eles para fazer emboscadas nas estradas para ver se encontravam o Presidente Mondlane para assassiná-lo. Eram comitês assassinos.

Convocou-se o Congresso. O II Congresso da FRELIMO realizou-se com sucesso e Mondlane foi eleito pela segunda vez como Presidente da Frelimo. Apelou-se à unidade, mas o grupo dos agitadores continuou insatisfeito. O povo queria Mondlane como Presidente da Frelimo. Mas esse grupo não queria.

Ele não podia abandonar e disse que se por acaso descobrissem que constituía um obstáculo à unidade nacional e à luta de libertação podia se retirar. Ele precisava de confirmar, precisava de ter certeza de que se se retirasse da presidência a luta havia de continuar e a unidade havia de ser reforçada. A retirada dele podia provocar maior divisão, sobretudo, se a retirada significasse a tomada da direcção do partido por esses que se guiavam pelo espírito tribalista.

Então ele persistiu, decidiu não trair. Viu que a retirada dele seria uma traição porque estaria a fazer a vontade dos inimigos da libertação de Moçambique. Assim, ele continuou. Foi assim que o colonialismo conseguiu as maneiras mais avançadas, mais camufladas de o destruir. Mandaram uma bomba que tinha uma pilha electrónica, escondida num livro. Quando se abre o livro a ligação eléctrica faz explodir o explosivo que está escondido dentro do livro. Foi assim que mataram Mondlane. Sabiam que ele gostava de ler e puseram uma bomba num livro.

Mas investigações que se seguiram dão indicação de que o livro que matou Mondlane saiu daqui de Moçambique para Dar-es-Salaam. Pensamos que foram os serviços do colonialismo que prepararam esse livro com esses explosivos. Saiu daqui em mãos de pessoas para o Malawi, de lá para o sul da Tanzânia, assim por diante até chegar a Dar-es-Salaam e até foi entregue directamente às mãos do Presidente Mondlane porque é a ele que queriam matar.

GWENDJERE: UM EXEMPLO DE AGITAÇÃO

Mas tudo começou com a criação de um clima de agitação no seio da Frelimo.

Quando se cria agitação é com um objectivo. Isto continua a existir hoje. Por isso vamos ter muito cuidado com os agitadores. Às vezes parecem estar a querer alguma coisa para o nosso bem.

Por exemplo, como é que o Gwendjere agitava? Gwendjere era um padre e os padres geralmente querem o bem-estar das pessoas e eu acredito nisso. Mas os padres também são homens e aparece um que pode ser traidor da causa dos próprios padres.

Ele sabia que a Frelimo não tinha meios, não tinha casas, fazia o melhor que podia para enfrentar os doentes, os feridos de guerra. Nessa altura não tínhamos hospitais, não tínhamos nada. Estávamos num processo de fazer pedidos para construir hospitais. Já tínhamos uma clínica pequena, até já tínhamos médicos, dois médicos. Eram brancos, eram moçambicanos: o dr. Hélder Martins e esposa eram médicos que já tinham começado a dar um curso de enfermeiros.

Quando Gwendjere chega, achámos por bem que ele devia ajudar na actividade de ensino. Então foi posto no Instituto Moçambicano para ensinar Português, porque ele sabia português. Mas começou a fazer agitação. Disse que não se devia ensinar Português mas sim Inglês. O ensino deve ser em inglês porque Moçambique está rodeado de países que falam Inglês. Por isso devia ser em Inglês. Não sei quanto tempo havíamos de levar para mudar os documentos, todos os livros que temos em Moçambique para o Inglês para podermos trabalhar nessa língua.

Isso parecia boa coisa, porque o Português era língua do colonialista, era como se o Inglês não fosse língua de um colonialista. O colonialismo português é mau, mas o colonialismo inglês é bom. É o mesmo que dizer que não queremos ser comidos pelo leão mas sim pelo leopardo.

Houve essa agitação. Mas a outra agitação era sobre os doentes. Ele era capaz de ir comprar uma dúzia de bananas e chegar lá entregar uma banana a um doente e dizia: "está a ver, a FRELIMO nem vos dá fruta. Coma lá isso, só consegui isso. Esta FRELIMO nem fruta vos dá". Por vezes cortava a banana ao meio para dar. Mas a Frelimo não estava à procura de uma dúzia de bananas para dar. A FRELIMO estava à procura de dinheiro para construir um hospital, para poder dar refeições aos nossos doentes. Enquanto ele fazia isto aqui criou uma agitação. E dizia: "por que é que eles não vos dão fruta? É porque são do sul". Por outro lado, exige que os médicos sejam expulsos porque são portugueses. E ficaram os doentes sem médicos.

Criou outro tipo de agitação: dizia que os jovens não podiam treinar militarmente. Tinham que ir estudar para governarem. Deviam recusar quando eram enviados para os campos de treino. E houve revolta, houve ataques aos escritórios da FRELIMO, houve mortos, o camarada Mateus Sansão Muthemba foi assassinado nessa actividade de agitação. E muito mais: Kankhomba também foi. Essa história é muito longa, mas era só para dar exemplo da agitação que se fez antes da morte de Mondlane.

Tudo era feito para tentar enfraquecer a luta de libertação nacional. É por isso que tiveram que assassinar o Presidente Eduardo Mondlane.

Meus amigos, naquele dia eu perguntei: por que é que é herói Eduardo Mondlane? Não foi assim? Disseram que é porque foi morto. Eu perguntei, porque foi morto pronto, é herói? Se um de nós aqui morre porque vem um assassino qualquer e o assassina a gente vai dizer que é herói?

Levei esse tempo a contar essa história toda porque ela indica, mais ou menos, qual foi a vida de Mondlane. Ele é herói porque viveu uma vida com trabalhos notáveis, excepcionais, que exigiam coragem, que exigiam bravura, que exigiam dedicação, abnegação, em várias actividades. É por isso que ele é herói. A pessoa é herói durante a vida, não é quando morre.

O Presidente Mondlane não foi a única pessoa que fez esse trabalho. Há alguns que não conhecemos, alguns eram simples soldados, mulheres e homens. Houve muitas mulheres que cumpriram o seu dever com abnegação e coragem. Lembramos casos em que mulheres foram atacadas e atingidas mortalmente por balas e, antes de morrerem, preocuparam-se em encorajar os combatentes, entregando a sua arma, entregando o seu filho aos combatentes. Protegeram os filhos dos outros à custa de suas próprias vidas. Nós nem conhecemos os nomes.

Mulheres que participaram na educação, na criação de centros para a protecção da criança. E hoje precisamos tanto de trabalhar na protecção da criança.

Por isso lembramo-nos dessas mulheres.

Houve homens que quando atingidos pelas balas do inimigo conseguiram continuar enquanto agonizavam, o seu papel de mobilizar os seus colegas para persistirem no combate. São muitos, por isso decidimos que o dia em que o Presidente Mondlane perdeu a vida fosse um dia que servisse para nos lembrarmos de todos.

Nós quisemos aqui explicar o porquê da escolha de Eduardo Mondlane, porque ele é que estava no centro dessa luta toda, porque ele é que inspirava esses outros heróis, por isso é que nós quisemos que fosse o símbolo dos heróis. Herói do norte, do sul, do centro, do ocidente e oriente de Moçambique, de todo o Moçambique. Simboliza os heróis da luta de libertação nacional, mas também da resistência à penetração do colonialismo português.